

Pompeu de Sousa: jornalista, professor e político¹

Rosemary Bars Mendez²

Doutora em Comunicação Social pela UMESP

Resumo: Quem trabalhou com Pompeu de Sousa se lembra de seus cabelos brancos, de que sempre estava rindo e falando em voz alta. A trajetória do jornalista Pompeu de Sousa revela que, ao introduzir a técnica do *lead* no *Diário Carioca* (1950), revolucionou o texto jornalístico de sua época e, com o primeiro Manual de Redação – *Style Book*, marcou a história da imprensa brasileira. Com a experiência profissional, lecionou na Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Artes, no Rio de Janeiro, e estruturou a Faculdade de Comunicação de Massa na Universidade de Brasília. Trabalhou como diretor da Editora Abril, responsável pela sucursal da revista *Veja* entre 1968 e 1978 e foi senador Constituinte, no mandato de janeiro de 1987 a janeiro de 1991, autor do parágrafo 1º, do artigo 220, da Constituição Federal que prevê a liberdade de imprensa.

Palavras-chave: Jornalismo Brasileiro; Ensino do Jornalismo; História do Jornalismo

O Brasil vivia na década de 50 transformações econômicas e políticas, ritmo colocado ao mundo após a Segunda Guerra Mundial, dando início ao intenso processo de industrialização. Era o momento em que se buscava a construção do novo – na cultura, nas artes plásticas e na poesia, no teatro e na música. Foram os anos que abriram as portas para a modernidade. Acompanhando o desenvolvimento industrial do país, a imprensa brasileira começava a eliminar a resistência ao abandono de suas raízes, as influências européias no modo de fazer Jornalismo mais opinativo e reflexivo do que informativo.

Nesse período, os jornais brasileiros passaram por verdadeiras mudanças, primeiro na estrutura administrativa para a organização da empresa comercial, momento crucial para a consolidação da indústria cultural. Em segundo lugar, foram introduzidas inovações técnicas, gráficas e editoriais para uma nova formatação do jornal, em sua aparência gráfica e em seu conteúdo editorial. Uma ebulição que envolveu jornalistas preocupados com a linguagem panfletária, apaixonada, utilizada pela maioria dos que escrevia nos jornais brasileiros, formados na prática da redação diária, mas sem o conhecimento

¹ Trabalho apresentado ao NP Intercom Jornalismo do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação

² Jornalista, professora do ISCA -Faculdades (Limeira/SP), editora -responsável do **Jornal de Piracicaba** (Piracicaba/SP)e Doutora pela Umesp

específico, especializado e aprimorado que o mercado editorial passaria a exigir com a indústria de comunicação de massa.

Uma mudança estimulada em parte pela influência da imprensa norte-americana (LINS DA SILVA, 1991), pela experiência de jovens jornalistas que viveram nos Estados Unidos, entre eles Pompeu de Sousa, Danton Jobim, Samuel Wainer e Alberto Dines. Pompeu e Danton levaram seus conhecimentos para o *Diário Carioca*; Wainer para a *Última Hora* e Dines, para o *Jornal do Brasil*.

A transformação da imprensa se dava através da linguagem e do design (FERREIRA, 1993). O primeiro jornal a sofrer esta minuciosa e delicada operação para os padrões que imperavam na época foi o *Diário Carioca*, fundado por José Eduardo de Macedo Soares, em 1928. O jornal *Diário Carioca* se destacou na história pela iniciativa de três jornalistas – Pompeu de Sousa, Danton Jobim e Luís Paulistano - que se envolveram na reformulação interna do periódico, para apresentação de um conteúdo jornalístico mais dinâmico e objetivo, com a introdução do *lead* e a presença de uma equipe de copidesque que revisava os textos antes de serem publicados, para que estivessem de acordo com o manual de redação – *style book* – que ditava as normas técnicas que deveriam ser seguidas.

O *Diário Carioca* integrou esta referência histórica de transformações da imprensa brasileira devido, sobretudo, ao corpo de jornalistas que se envolvia na produção jornalística inovadora e ousada. Na chefia de redação estava o jornalista que pensou o processo de atualização da linguagem jornalística, Roberto Pompeu de Sousa Brasil. Sua ação pioneira teve como palco a década de 50, propícia para as inovações que aconteciam em todo o país, com o processo de industrialização dos meios de comunicação. O *Diário Carioca* foi o primeiro a aderir às técnicas norte-americanas, introduzindo contribuições que até hoje são reconhecidas como atuais pelo Jornalismo moderno. O passo firme para esta modernização seria a da qualificação editorial, para garantir as necessidades do novo perfil de leitor que a sociedade industrial produzia.

Pompeu começou sua carreira como jornalista no *Jornal Meio Dia*, de Joaquim Inojosa, que acompanhava atentamente as relações internacionais com os Estados Unidos e com a Europa, principalmente com a Alemanha. A aproximação do *Meio Dia* com a política alemã, em plena Segunda Guerra Mundial, afastou Pompeu de Sousa de sua redação. A oportunidade profissional teve início com sua decisão, indo trabalhar no *Diário Carioca*, em 1940. Nessa época, o jornal já tinha disposição diferenciada para as matérias, com nova formatação gráfica, sem o joelho (matérias quebradas, que continuam na página seguinte), alinhadas em colunas com começo, meio e fim.

A apresentação gráfica do *DC* demonstrava a preocupação de Dantom Jobim com a leitura do jornal, com o espaço e com a quantidade de informações que deveriam ser publicadas. Dantom Jobim procurava alternativas para que a imprensa priorizasse seu papel informativo, com notícias curtas, concisas e objetivas para os leitores da década de 40. Uma lição apreendida pelo aluno Pompeu de Souza, que assimilou todo o ensinamento dado por seu professor, superando-o na iniciativa de inovação técnica ao defender a transformação do jornalismo brasileiro.

Quando Pompeu de Sousa começou no *DC*, passou a editar a coluna *Guerra Dia a Dia*, com a publicação de pequenas notas sobre a Segunda Guerra Mundial, com intertítulos informativos para introdução aos fatos cotidianos. Nela, o jornalista sistematizava informações fornecidas por várias agências de notícias, primeiro contato que teve com as técnicas jornalísticas adotadas pelos Estados Unidos, permitindo-lhe comparar as linguagens jornalísticas para a transmissão de informações. Sem espaço fixo para ser publicada, *Guerra Dia a Dia* substituiu a coluna *Situação Mundial*, que era editada pelo próprio Danton Jobim. Porém, a coluna teve vida curta: deixou de ser publicada em dezembro de 1940.

Do Ceará para o Rio de Janeiro - Roberto Pompeu chegou ao Rio de Janeiro com 15 anos e carregava na mala o sonho de fazer o curso de Direito. Um sonho que trouxe de sua terra natal, o município cearense de Redenção³, onde nasceu no dia 22 de março de 1916. A cidade, que fica no Ceará, tem esse nome porque foi a primeira a libertar os escravos, quatro anos antes de todo o Brasil. Sua família era preeminente no Ceará, onde tinha uma fazenda. Oligárquica, dominava a política no estado do Ceará.

O bisavô Tomás Pompeu de Sousa Brasil (PLIB) nasceu em 1818 em Santa Quitéria. Foi deputado geral entre 1845 e 1847, deputado geral federal em 1848 e senador entre 11 de fevereiro de 1864 e 02 de setembro de 1876. Foram 15 anos de mandato público, além de ter sido sacerdote, professor e, como jornalista, ajudou a fundar o jornal liberal *O Cearense* em 1846. Assumiu a direção de Instrução Pública do Ceará e fundou o Liceu Cearense, sendo seu primeiro Doutor. Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Société de Géographie de Paris. Como político, votou a favor da Lei do Ventre Livre. Quando assumiu a cadeira de senador do Império, abandonou o sacerdócio, época em que teve o filho Antonio Pompeu de Sousa Brasil, médico que também foi eleito deputado provincial do Ceará, pai de Roberto Pompeu de Sousa Brasil.

³ Redenção é o seu nome, em homenagem à cidade que serviu de exemplo como primeiro município brasileiro a abolir a escravatura, cinco anos antes de a princesa Isabel assinar a Lei Áurea. A cidade era conhecida como "Rosal da Liberdade", com uma área de 240,70 quilômetros quadrados, limitando-se ao norte com Palmácia e Guaiúba, ao sul com Aracoiaba, à leste com Acarape e Barreira e à oeste com Pacoti e Baturité.

Aos 18 anos de idade, o filho de Antônio e Olímpia Pompeu de Sousa Brasil foi professor interino de Língua Portuguesa no Colégio Pedro II⁴, considerado o colégio padrão do País (DUARTE: 1992). Aos 22 anos, Pompeu de Sousa pisava na redação do *Diário Carioca*, onde ajudaria a construir parte da história da imprensa e que o estimularia a participar da política brasileira.

Pompeu era um homem que admirava os poetas, os escritores brasileiros e portugueses. O poema que mais gostava era de Manuel Bandeira, *Vou-me embora pra Pasárgada*, um convite que Manuel Bandeira faz ao leitor para ir embora para Pasárgada e tornar-se "amigo do rei", um passeio pelo reino da poesia, lugar utópico onde tudo é possível. Homem das artes e da cultura, era apaixonado por literatura, cinema e artes, com um gosto especial por Guimarães Rosa e Graciliano Ramos. Apreciava Chico Buarque, Cartola e Noel Rosa. Adorava os clássicos, principalmente Mozart, Betowem e Bach. Mozart 40 era a sua sinfonia preferida, mas sempre ouvia o "Adágio", de Romasco Abbinoni, e "Bachianas Brasileiras", de Villa Lobos. Com os amigos se encontrava na Confeitaria Colombo, no centro do Rio de Janeiro. Neste círculo de amizades, Prudente de Moraes Neto e Castelo Branco, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Ziraldo, Nelson Rodriguez e Augusto Frederico Smith.

Ele começou a trabalhar como jornalista na década de 40, período que os Estados Unidos intensificaram o incentivo ao programa de intercâmbio cultural entre os dois países, com o aval do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939 por Getúlio Vargas, que administrava o País sob a égide do Estado Novo. No cenário internacional, a Segunda Guerra Mundial fervilhava em terras européias.

Produzindo notícias para o rádio - Pompeu de Sousa foi para os EUA indicado pelo DIP, onde permaneceu durante 22 meses. Neste período trabalhou nas rádios NBC (*National Broadcasting Company*) e CBS (*Columbia Broadcasting System*), como responsável por um noticiário de 15 minutos, além da produção de um radioteatro, que tinha caráter político mais amplo e tratava do papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial. A NBC estava instalada no prédio do Rockefeller Center e a CBS foi a primeira a ampliar o setor radiofônico acompanhando a política de boa vizinhança dos Estados Unidos para com a América Latina.

A Divisão de Rádio, comandando pelo DIP, tinha como meta produzir programas com o apoio dos norte-americanos para o Brasil, com o patrocínio de diversas empresas dos EUA, como a General Electric SA e a International Telephone da Telegraph Corp

⁴ O ensino no Colégio D. Pedro II era apontado como de primeira linha; teve em seu quadro docentes personalidades como Benjamin Constant e ajudou a formar a elite intelectual brasileira. In: FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1959. 352 p.

(SOUSA, 2004). O rádio foi o instrumento de maior controle do DIP, pelo alcance populacional. Através da *Hora do Brasil*, transmitia o noticiário governamental e o noticiário enviado de Nova York pela seção brasileira do *The Office of the Coordination of Inter-American Affairs* (OCIAA).

Vários programas noticiosos eram produzidos nos Estados Unidos e retransmitidos para o Brasil (SOUSA, 2004). Pompeu de Sousa integrou principalmente dois programas. *Brazilian News Broadcast* e o *Daily Brazilian Review*, com comentário político, uma mesa redonda que discutia as notícias da semana. Também produziu os programas *Este é o nosso inimigo*, com 15 minutos de duração e divulgado todas as segundas-feiras; *Estamos em Guerra* e o *Radioteatro das Américas*, programações de repúdio ao nazismo.

Além dos informativos, o jornalista organizava um radioteatro, programa semanal divulgando o sistema democrático dos EUA, numa contraposição ao regime nazista que fervia na Europa, e tratava do papel do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Pompeu relembra que todo dia era divulgado um programa de uma hora, que ocupava cinco ou seis dias de trabalho. Ele supervisionava todos os ensaios e a produção na cabine de controle com o diretor, e, além disso, escrevia e lia ao microfone um programa de 15 minutos sobre os acontecimentos do dia, as operações de guerra. Aos sábados, apresentava um programa de variedades. O *hit parade* era dedicado aos grandes sucessos da música americana da época. (PEREIRA, 2001).

A ida de Pompeu de Sousa para os Estados Unidos aconteceu depois do bombardeio a *Pearl Harbor*, em dezembro de 1941, e começou a trabalhar em fevereiro de 1942. Com ele estavam Orígenes Lessa, que era o responsável pela revista *Planalto*, publicação do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda – DEIP, em São Paulo, órgão do DIP; Raimundo Magalhães Júnior, secretário de Lourival Fontes, que dirigia o DIP; e Júlio Barata, diretor da Divisão de Rádio do DIP, que foi nomeado ministro do Trabalho durante o Governo Médici. Em depoimento à imprensa (DUARTE, 1992), Pompeu relatou que “estava entre quatro intelectuais brasileiros indicados para fazer um trabalho de aproximação Brasil-Estados Unidos, uma coisa bastante típica das contradições internas do Brasil. O governo americano pediu ao DIP a designação de quatro intelectuais brasileiros que deveriam ir para os Estados Unidos produzir programas destinados ao Brasil”.

Em declaração publicada nos Cadernos de Jornalismo e Editoração da ECA/USP, em 1986, Pompeu de Sousa comentou o processo de modernização da imprensa brasileira, com base na experiência que teve nos Estados Unidos:

“Infelizmente, não pude freqüentar redações de jornais, porque estava fazendo rádio intensamente. Mas lia muito os jornais americanos e foi então que eu comecei a verificar que eles tinham uma diferença fundamental em relação aos brasileiros, eram escritos com objetividade, a notícia era só notícia, era só informação, pois as opiniões eram vinculadas nos editoriais. Voltei ao Brasil em 1943 e comecei a fazer algumas modificações no Diário Carioca, objetivando um jornalismo mais dinâmico e mais moderno e menos nariz-de-cera. Senti que o jornalismo brasileiro precisava ser radicalmente reformado e então resolvi fazer aquilo que os americanos fizeram e que no Brasil ainda não se conhecia. A idéia era criar a coluna vertical de uma nova técnica de estruturação e uniformização da notícia e de sua redação, o copy desk”.⁵

O manual de redação do DC - Quando retornou dos EUA, em 1943, Pompeu de Sousa trabalhou na rádio Cruzeiro do Sul com noticiários sobre a guerra, tendo Castelo Branco como comentarista. Paralelamente, Pompeu de Sousa começou a estudar a forma para alterar os processos e as técnicas de produção do jornal. A sensibilidade do editor, que modificou os textos recebidos das agências de notícias, se aprofundou quando entrou na sala de aula da Faculdade Nacional de Filosofia, da então Universidade do Brasil, em 1949. Junto com Danton Jobim, deveria ensinar *Técnicas do Jornal e do Periódico*. Pompeu percebeu que “para ensinar Jornalismo tinha de aprender Jornalismo sistematicamente, tinha de estudar pelos livros as técnicas já codificadas, não era suficiente mais aquela forma intuitiva como eu tinha aprendido Jornalismo, que havia um processo de elaboração jornalística profundamente conscientizada, não tão fragmentada nem tão assistemática e intuitiva como fazíamos até então” (DUARTE, 1992).

A constatação dessa demanda levou Pompeu de Sousa a analisar os manuais de redação e livros sobre Jornalismo que existiam na época, principalmente os dos Estados Unidos, para a produção do *style book* do *Diário Carioca*. Seu depoimento, dado em 1992, mostra o processo como produziu o manual de redação:

“Sentei na máquina e resolvi fazer uma adaptação do que me pareceu mais conveniente ao Jornalismo brasileiro naquela variedade de *style book* (...) cada jornal americano tinha o seu, porque todos querem preservar a sua identidade, o seu temperamento, a sua personalidade, a sua identidade jornalística. (...) Não criei nada, confrontei, via que uma coisa era interessante, outra não se aplicava ao Brasil, e, assim, rejeitando umas coisas, incorporando outras, redigi o primeiro *Style Book* da imprensa brasileira, que denominei Regras de Redação do Diário Carioca”.

⁵ O depoimento de Pompeu de Sousa está registrado em *Experiências do ensino de Jornalismo: Da Universidade do Brasil à Universidade de Brasília*. In: **Cadernos de Jornalismo e Editoração**. S.Paulo: ECA/ISP, 1986. p. 40-45

O trabalho começou no Carnaval de 1950. Em sua casa, durante os quatro dias de folia carnavalesca, Pompeu de Sousa, então chefe de redação do *Diário Carioca*, redigiu o primeiro manual da redação, o *style book*. Caía por terra o texto caricaturado, com nariz-de-cera, partidário e panfletário, para nascer o texto informativo e objetivo, ensinado até hoje nas salas de aulas das universidades brasileiras.

O objetivo do jornalista era o de criar uma técnica redacional para a imprensa brasileira, tendo como base a existente nos Estados Unidos. O manual estabeleceu as linhas mestras de uma redação concisa, direta e sem a polêmica da opinião dos jornalistas, ao mesmo tempo em que atraía a atenção do leitor, que passou a encontrar no *lead* as principais respostas para as perguntas mais corriqueiras que alguém pode fazer quando quer ser informado sobre um acontecimento, *O Quê? Quem? Onde? Quando? Como? Por Quê?*

A introdução do *lead* - estabelecendo a pirâmide invertida como critério básico para a construção da notícia, escrita no modo indicativo e em ordem direta, com vocabulário simples, - a criação de editoriais, o novo visual gráfico, a produção e a administração da empresa jornalística constituíram alguns dos elementos da transformação do jornalismo brasileiro e, como aponta Carlos Eduardo Lins da Silva (1991), concretizaram a influência norte-americana sobre os padrões brasileiros.

O manual de redação do *Diário Carioca* foi impresso na gráfica do próprio jornal, um caderno de bolso, com 15 páginas, com orientações gerais e específicas para a produção das notícias. Algumas das orientações são:

Redação

- Ocupar o primeiro parágrafo das notícias com,
 - a) um resumo conciso das principais e mais recentes informações do texto, esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento, Quê?, Quem?, Onde?, Quando? Como? Por quê?;
 - ou, b) um aspecto mais sugestivo e suscetível de interessar o leitor no acontecimento.
- Só compor de modo diverso o primeiro parágrafo em casos de matérias muito peculiares em que o elemento pitoresco, sentimental ou de surpresa o exija.
- Ordenar o desenvolvimento do resto da notícia pela hierarquia da importância e atualidade dos pormenores.
- Usar parágrafos curtos e evitar palavras desnecessárias, qualificativos, principalmente, tendenciosos, e frases feitas. Só excepcionalmente usar períodos com mais de quatro linhas datilografadas.

- Não começar períodos ou parágrafos sucessivos com a mesma palavra. Não usar repetidamente a mesma estrutura da frase.
- Evitar palavras chulas e expressões de gíria não incorporadas à linguagem geral, assim como termos preciosos e frases de conteúdo puramente sensacionalista.
- Ler sempre a própria matéria antes de entregá-la, a menos que o tempo não permita.
- Ler a matéria depois de publicada e reparar nas alterações feitas.
- Em qualquer dúvida, consultar dicionários, enciclopédias ou outras fontes de referências.
- Evitar fórmulas e expressões genéricas sempre que se disponha de informações e pormenores precisos.

O *Diário Carioca* foi impresso por uma rotativa Marinoni durante toda sua existência. Até a adoção do *Style Book* imperava em suas páginas o nariz-de-cera, assim como em todo jornal brasileiro. “O jornal inicial foi um panfleto em torno de dois ou três acontecimentos que havia a comentar, mas não a noticiar. (...) Quando a complexidade dos acontecimentos foi obrigando o jornal a se transformar num veículo de notícias (...) com a ocupação e o dinamismo que foram tomando conta da vida, ninguém mais tinha tempo de ler este tipo de noticiário (...) o leitor queria se informar”, contou Pompeu de Sousa em depoimento aos jornalistas Aristélio Andrade, Luiz Paulo Machado e Maurício Azevedo, em 1978.

O esforço pioneiro no *Diário Carioca* lhe rendeu críticas, também. Uma das mais famosas foi a de Nelson Rodrigues, que o chamou de “o pai dos idiotas da objetividade”. Porém, não há como negar que sua ação marcou a história pela inovação, pela ousadia, pela criatividade e pela repercussão que produziu em todos os veículos de comunicação.

O jornal, na época, chegou a vender 45 mil exemplares nos dias úteis e 70 mil aos domingos (SODRÉ, 1983). O *lead* que Pompeu de Sousa adaptou da imprensa norte-americana não foi a única surpresa para os jornalistas da época, o chefe de reportagem, Luís Paulistano fez sua contribuição à história ao acrescentar ao texto jornalístico o *sub-lead*, deixando a marca brasileira nesse novo estilo.

Até a consolidação deste estilo técnico, houve um escândalo na imprensa brasileira. O *Diário Carioca* era um jornal pequeno e produzia muito barulho na área profissional. Inicialmente, a imprensa rejeitou a padronização da linguagem, mantendo a formalidade em seus textos mais ligados a opiniões e comentários e com enfoque mais literário do que informativo, objetivo, conciso, como propunha o estilo Pompeu.

Para consolidar sua proposta, a nova técnica para escrever, Pompeu de Sousa começou a selecionar jovens profissionais, alunos recém-saídos do curso da Faculdade Nacional de Filosofia, evitando os jornalistas viciados no velho e enfadonho estilo

(DUARTE,1992). O trabalho de selecionar os focas ficou para Luís d'Orleans Paulistano Santana, enquanto Pompeu se empenhava na implantação do *copy desk*. Contratou Armando Nogueira, Evandro Carlos de Andrade, Néelson Viana, Jânio de Freitas, José Ramos Tinhorão, Thiago de Melo, Ferreira Gullar, Nilson Lage e Ary Coelho. Estava pronta a redação que iria enfrentar a guerra dos estilos e que garantiria a vitória da objetividade jornalística. Pompeu de Sousa, ao iniciar sua carreira no *Diário Carioca*, Luís Paulistano já estava trabalhando na redação do *DC*. Uma de suas primeiras medidas administrativas foi a de promovê-lo a chefe de reportagem. “Na época, ele foi o melhor chefe de reportagem de qualquer jornal do País, com sua admirável vocação para amestrador de focas, o maior da imprensa brasileira, porque estabelecia um relacionamento humano tão completo que ninguém seria capaz”⁶.

A iniciativa de Pompeu de Sousa de reformular os padrões do Jornalismo brasileiro passou a fazer escola. A técnica difundida por Pompeu de Sousa foi rapidamente absorvida pelos demais jornais brasileiros, porque a apresentação dos fatos tinha uma organização coerente, respeitando a ordem de importância dos fatos, atraindo a atenção do leitor por facilitar a leitura. O *lead* compreende um processo lógico para a produção do texto jornalístico. “Não é difícil entender a rapidez com que este novo modelo de concepção do texto jornalístico fosse rapidamente incorporado por todos os demais jornais. O anacronismo do velho nariz-de-cera estava sepultado em poucos anos. O país estava maduro para uma prática de jornalismo moderna, urbana, industrial” (GENTILLI, 2003).

Reflexos na imprensa - Pompeu de Sousa reuniu seus conhecimentos adquiridos na prática e produziu um novo padrão jornalístico para o Jornalismo brasileiro, transformando o *Diário Carioca* num jornal moderno na apresentação dos fatos, com uma linguagem mais dinâmica e objetiva, e um exemplo para os demais periódicos. Seu esforço estava em seguir e fazer seguir rigidamente as regras do *lead*, uma iniciativa que deu a Pompeu de Sousa o título do jornalista responsável pela reforma mais ousada na história da imprensa. O *Style Book* é considerado o primeiro manual de redação brasileiro, com indicações e padronizações técnicas da linguagem objetiva, concisa, direta que até hoje é a base para a construção da notícia.

O primeiro jornal a se beneficiar com as transformações das técnicas jornalísticas foi Carlos Lacerda ao produzir um manual próprio para ser utilizado pela *Tribuna da Imprensa*, que acabara de fundar no Rio de Janeiro. Outra reforma que teve impacto significativo na transformação vivida pela imprensa carioca nos anos 50 foi a do *Jornal do*

⁶ O depoimento foi para os jornalistas Aristélio Andrade, Luiz Paulo Machado e Maurício Azevedo, em 1978, publicado no **Revista de Comunicação** e reproduzido no livro **Pompeu**, organizado por Maria de Souza Duarte e publicado pelo Senado Federal, em 1992.

Brasil, levando em conta os estímulos e demandas do próprio jornal e as condições internas e externas.

Na direção do *Diário Carioca* estava Danton Jobim, também adepto da técnica norte-americana e um dos pais da objetividade jornalística na Brasil, com uma contribuição que ajudou a colocar a imprensa brasileira na modernidade (LINS DA SILVA, 1992). Jobim defendeu que o *Style Book* representava uma consequência das “condições impostas pelo desenvolvimento da indústria jornalística mais do que do temperamento americano ou da *american way* (JOBIM, 1992, p.83) e reconheceu as vantagens de adotar o manual de redação devido ao melhor desempenho do repórter, “quando ele escreve dentro da medida padrão, do cânone, imposto pelas exigências da tipografia e da paginação”. O limite certo o obriga a esquematizar as idéias e os fatos a narrar” (JOBIM, 1992, p.47).

Com as novas técnicas jornalísticas, aos poucos, a imprensa brasileira foi deixando de lado sua herança européia, principalmente francesa, do Jornalismo de combate, de crítica, de doutrina e de opinião para priorizar a linguagem objetiva, clara, concisa, dinâmica e informativa, separando-a da opinião do autor da notícia, que passou a ganhar mais espaços em detrimento dos artigos e comentários.

O *Diário Carioca* era formado por uma equipe dirigida por Luís Paulistano e composta por jornalistas como Carlos Castelo Branco, Jânio de Freitas, José Ramos Tinhorão, Evandro Carlos de Andrade, Armando Nogueira e Gílson Campos. Do lado empresarial estavam Horácio de Carvalho Júnior, proprietário do jornal, e José Eduardo de Macedo Soares, que dirigia a linha editorial do jornal e encampava os interesses da elite econômica nacional (DUARTE, 1992).

Segundo Deodato Maia, secretário do jornal de 1949 até o momento em que este encerrou suas atividades, a qualidade de seu Jornalismo, se tomado em termos estritamente profissionais, podia ser atestada pela presença de jornalistas que se destacaram na imprensa como um todo⁷. Além dos jornalistas já citados, passaram pelo *Diário Carioca* os cronistas Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Antônio Maria, Rubem Braga, Otávio Bonfim, Otto Lara Resende; os poetas Tiago de Melo e Vinícius de Moraes; os cronistas sociais Jacinto de Thormes e Jean Pouchard; os críticos Antônio Bento, Paulo Francis, Ricardo Galeno, Francisco Pereira da Silva e Sábado Magaldi, além de Nilson Lage, Nilson Viana, Epitácio Timbaúba, Américo Palha, Hélio Fernandes, Carlos Lacerda e José Carlos de Oliveira; o comentarista internacional Newton Carlos e o redator político Hermano Alves,

⁷ Depoimento registrado no Dicionário de Verbetes da Fundação Getúlio Vargas – Centro de Pesquisa e Documentação Histórica – In: LEAL, Carlos Eduardo - **Diário Carioca** <http://www.cpdoc.fgv.br> Acesso em 11 de novembro de 2003

entre outros. Na chefia de reportagem, Luís Paulistano que, envolvido nesse espírito inovador, acrescentou ao *lead* o *sub-lead*. O resultado imediato se deu nas bancas: o jornal passou a vender de 30 a 45 mil exemplares nos dias úteis e 70 mil aos domingos, um recorde para a época (SODRÉ, 1983).

No *Diário Carioca*, Pompeu de Sousa exerceu ainda as funções de diretor de redação, diretor-geral e diretor-presidente. Em 12 de setembro de 1959, fundou o *DC* do Distrito Federal, acompanhando passo a passo a construção de Brasília. Ele defendeu a transferência da capital e apoiava o governo de Juscelino Kubitschek .

Nas páginas do *Diário Carioca* escrevia críticas de teatro, que eram publicadas na primeira página e assinadas como Roberto Brandão. O pseudônimo era usado para que o homem que apreciava o mundo das artes não fosse confundido com Pompeu de Sousa, o jornalista político que acompanhava os passos do governo federal. Os leitores desconheciam esta faceta literária e apenas a redação sabia a verdadeira identidade de Roberto Brandão.

Campanhas no DC - Pompeu de Sousa não inovou apenas na técnica jornalística para a apresentação dos fatos, mas na linha editorial a ser adotada pelo *Diário Carioca*, que passou a defender campanhas públicas, em favor da arte e da cultura brasileira e contra qualquer tipo de censura ao pensamento e às idéias políticas e de artistas.

O cineasta Nelson Pereira dos Santos, que era ligado ao PCB, transformou Pompeu de Sousa num dos personagens da história do cinema brasileiro, por seu envolvimento nos movimentos culturais do país. Autor da primeira longa metragem *Rio, 40 graus*, obra inspirada no neo-realismo italiano, Nelson Pereira projetou no cinema brasileiro uma nova estética, um marco para o Cinema Novo. As filmagens de *Rio 40 Graus* começaram em 20 de março de 1954 e a última tomada foi em 29 de março de 1955, no gramado do Maracanã.

O filme mostra as contradições sociais do Rio de Janeiro, das praias de Copacabana aos morros, as partidas de futebol. A história acontece num domingo ensolarado, com a presença de cinco vendedores de amendoim, negros, mostrando cinco pontos turísticos da cidade – Quinta da Boa Vista, Copacabana, Maracanã, Pão de Açúcar e Corcovado. O filme recebeu liberação da Censura Federal em 26 de agosto de 1955, com proibição para menores de dez anos. No dia 23 de setembro, Nelson Pereira recebeu a informação de que o filme teria sido proibido, por decisão do coronel Geraldo de Meneses Cortes, chefe do Departamento Federal de Segurança Pública, por suspeitas de que teria sido produzido com verbas vindas de Moscou, e com a alegação de que o filme tinha “como fim a

desagregação do país” (SALEM, 1987). Cortes assistiu ao filme, numa sessão privada, ao lado de Nelson. Com essa decisão, começaram as repercussões contrárias à censura.

Todo o movimento contrário à ação policial acabou tendo sucesso apenas no governo de Juscelino Kubitschek, eleito em 1955. No dia 10 de novembro daquele ano aconteceu uma nova exibição privada de *Rio, 40 graus*, no cinema do Cassino Icaraí, em Niterói, para os deputados estaduais do Rio de Janeiro, organizada pelo deputado socialista Geraldo Reis. Pompeu de Sousa estava presente. No dia 31 de dezembro de 1955 a Justiça Federal liberou o filme, que foi lançado em março de 1956, em Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. (SALEM, 1987) A exibição aconteceu pela Columbia Pictures do Brasil, que distribuiu o filme no país e no estrangeiro.

Em Brasília, na UNB - Pompeu de Sousa, depois que deixou a redação do *Diário Carioca*, mudou-se para Brasília, onde trabalhou por quase 30 anos. Antes de se mudar para Brasília, trabalhou como assessor de imprensa da campanha do Marechal Lott à Presidência da República, por sempre ter apoiado o governo de Juscelino Kubitschek. Lott perdeu as eleições e a vitória foi de Jânio Quadros, a quem Pompeu sempre criticou, publicando todos os dias uma coluna chamada *“Bilhetinhos a Jânio”*, que resultou num livro com o mesmo nome, editado pelo Senado Federal. Era uma forma de Pompeu revidar os bilhetinhos que Jânio Quadros escrevia para seus ministros, com cópias encaminhadas para a imprensa.

O jornalista deixou o *Diário Carioca* em agosto de 1961, por dois motivos: primeiro porque Horácio de Carvalho Júnior vendeu o jornal a Arnon de Mello e segundo em protesto contra o golpe que tentou impedir a posse, na Presidência da República, do então vice-presidente João Goulart. Ele se mudou para Brasília a convite de João Goulart, quando assumiu o cargo de secretário de Imprensa do primeiro-ministro Tancredo Neves

Naquele mesmo ano, ajudou a fundar a Universidade de Brasília com Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, Oscar Niemeyer, Frei Matheus Rocha, quando projetou e dirigiu a implantação da Faculdade de Comunicação de Massa do Brasil, considerada uma iniciativa arrojada, visando à formação específica do comunicador. O projeto “refletia o estágio atingido pelos centros universitários da Europa e dos Estados Unidos no campo da Comunicação” (MARQUES DE MELO, 1974).

A Faculdade de Comunicação de Massa - a primeira a reunir várias habilitações para a formação específica em Jornalismo, Tevê, Rádio e Cinema e Publicidade e Propaganda - era composta por três escolas distintas, interligadas pela identidade dos veículos e instrumentos comuns. O curso vinha atender uma necessidade do próprio

mercado, que exigia um profissional especializado nas atividades básicas dos *mass media* (MARQUES DE MELO, 1974).

Na época, duas correntes predominavam no ensino universitário, dois modelos para implantação de cursos de Jornalismo no Brasil: norte-americana, com enfoque para o aprendizado técnico, e a européia, com formação cultural mais ampla. Como responsável por seu funcionamento, Pompeu de Sousa a estruturou como Escola de Jornalismo, Escola de TV-Rádio e Cinema e Escola de Publicidade, modelo baseado na Universidade de Stanford. “Tratava-se de uma orientação pedagógica voltada para o treinamento de especialistas nas atividades básicas dos *mass media*” (MARQUES DE MELO, 1974, p.47).

Como o jornalista que transformou o Jornalismo brasileiro, Pompeu de Sousa levou para a universidade os novos conceitos e padrões técnicos para se aprender a fazer Jornalismo. Transformou sua experiência em lição acadêmica, introduzindo na Universidade de Brasília o modelo americano de ensinar e de formar um profissional da imprensa, inspirado na estrutura adotada na Universidade de Stanford, (MARQUES DE MELO, 2003c, p.57) sintonizado com o pragmatismo norte-americano.

“A UnB foi criada em termos de tradição oral. Fazíamos o trabalho do dia, depois, reuníamos-nos para autocriticar-nos e projetar o trabalho do dia seguinte, em função disso. Era um trabalho que nos empolgava a todos, porque tínhamos a impressão de estar criando algo sempre novo para a Universidade. Não tínhamos compromisso com o passado, só com o futuro; realizávamos, permanentemente, seminários para aprimorar nosso trabalho. Trabalhávamos quase 20 horas por dia, era realmente uma loucura. Mas o que nos preocupava somente, era que aquilo fosse uma obra de criação, empolgante, e quando falo sobre ela, eu me transfiguro. (...) Minha preocupação sempre foi fazer com que o aluno saísse da escola como um verdadeiro profissional, já que tinha boa formação acadêmica nos institutos centrais” (POMPEU: 1986 p. 44).

O método de ensino adotado na UnB era conhecido como tutorial. Nele, a proeminência era ao estudo dirigido sobre as aulas convencionais de natureza discursiva, com laboratórios, como o Centro de Teledifusão Educativa, produção de jornal e revista, agência de notícia, agência de publicidade e propaganda, estação de rádio e de televisão e um centro de produção cinematográfica. Foi a fórmula encontrada para que os alunos tivessem, em sala de aula, o contato com a prática, para que os alunos pudessem, não apenas imitar ou reproduzir, mas que as oficinas fossem a própria realidade profissional (POMPEU: 1965). Os trabalhos nos laboratórios deveriam ser a própria realidade, ou seja, os alunos produziam textos jornalísticos de fatos reais.

O jornalista lecionou na instituição até ser demitido, junto com outros 14 professores, pelo regime militar de 1964. A ação resultou no pedido de demissão de mais de 200 professores.

Pompeu de Sousa assumiu o cargo de diretor da Editora Abril, entre 1968 e 1979, quando foi o responsável pela sucursal da revista *Veja*, em Brasília. Em 1985, foi nomeado secretário de Educação do Distrito Federal, no governo de José Aparecido. Um ano depois, candidatou-se ao Senado Federal, representando o Distrito Federal, quando se elegeu com 150 mil votos. Participou da elaboração da Constituição Federal, promulgada em 05 de outubro de 1988. Sua principal contribuição está na elaboração do artigo 220 da Constituição Federal, inserido no Capítulo V, escrito de próprio punho, a lápis. O artigo garante a liberdade de informação à sociedade: “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição”. O primeiro parágrafo define que “nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social”.

Sua intenção foi estabelecer um direito de defesa perante o Estado, resguardando o direito do indivíduo de optar por uma conduta, de escolher se informa ou não informa e de escolher o que informa, o que qualifica o direito de informação jornalística, como um direito fundamental do cidadão. Ao mesmo tempo, impede a intromissão estatal na imprensa. Como senador, jornalista e adepto da cultura norte-americana, Pompeu de Sousa buscou subsídios na Constituição dos Estados Unidos da América para marcar sua participação na constituinte como o homem que delegou às gerações futuras o princípio básico da liberdade de expressão e de pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de, LATTMAN-WELTMAN, Fernando, FERREIRA, Marieta de Moraes e RAMOS, Plínio de Abreu (orgs). **A imprensa em Transição**. O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 141 - 156

DUARTE, Maria de Souza (org). **Pompeu**. Brasília: Conselho de Cultura do Distrito Federal/Senado Federal, 1992. 149 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Imprensa e modernização dos anos 50, a reforma do Jornal do Brasil. In: Anuário Brasileiro da Pesquisa em Jornalismo. São Paulo: ECA/USP. 1993

GENTILLI, Victor. Sistema Midiático e crise do Jornalismo dos anos 50 à decadência posterior aos 80. Tese de Doutorado defendida na USP. 2002. 228 p

- JOBIM, Danton. **Espírito do Jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992. 222 p.
- LEAL, Carlos Eduardo. Diário Carioca. Centro de Pesquisa e Documentação Histórica – Fundação Getúlio Vargas http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/5833_1.asp Acesso em 11 de novembro de 2003.
- LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **O Adiantado da Hora**. A influência americana sobre o Jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991. 155 p.
- PEREIRA, Verenilde – *Pompeu de Sousa e a luta pela liberdade de expressão*. In: MARQUES DE MELO, José e DUARTE, Jorge (orgs) **Memórias das Ciências da Comunicação no Brasil - Os Grupos do Centro-Oeste**. Brasília. Centro Universitário de Brasília, 2001. 235 a 242 páginas
- MARQUES DE MELO, José – **Normas de Redação de Cinco Jornais Brasileiros**. ECA/USP. 1972. 96 p.
- _____. Pedagogia da Comunicação. As experiências brasileiras. In: **Contribuições para uma Pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1974. p. 13 a 70
- SALÉM, Helena. Nelson Pereira dos Santos - o Sonho Possível do Cinema Brasileiro. SP: Editora Nova Fronteira, 368 p.
- SODRÉ, Nelson Werneck – **História da Imprensa no Brasil**. 3ª edição. São Paulo. Martins Fontes, 1983. 501 p.
- SOUSA, Pompeu de - *Experiências do ensino de Jornalismo: Da Universidade do Brasil à Universidade de Brasília*. In: **Cadernos de Jornalismo e Editoração**. S.Paulo: ECA/ISP, 1986. p.40-45
- _____. – **Bilhetinhos a Jânio** – Brasília. Senado Federal. 1987. 161 p.
- SOUSA, Marquilandés Borges de. **Rádio e propaganda política - Brasil e México sob a mira norte-americana durante a Segunda Guerra Mundial** S.Paulo: Editora Annablume. 2004.152 p.